**A CATEGORIA VAZIA NO FALAR FORTALEZENSE: DESCRIÇÃO E USO**

Tereza Maria de Lima

Doutoranda - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, [terezamariadelima2018@gmail.com](mailto:terezamariadelima2018@gmail.com)

João Bosco Figueiredo Gomes

Pós-Doutorado - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, [boscofigueiredo@gmail.com](mailto:boscofigueiredo@gmail.com)

Wellington Vieira Mendes

Doutor - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, [wvmendes@campus.ul.pt](mailto:wvmendes@campus.ul.pt)

**Resumo:** Neste estudo desenvolve-se uma análise da categoria vazia no falar fortalezense, especificamente, a descrição e uso dessa variante também denominada objeto nulo. Para descrever os fatores envolvidos no fenômeno, baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista ou Laboviana, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1994; 2001; 2006 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Parte-se da hipótese de que a categoria vazia no Português do Brasil constitui-se em uma mudança em curso. Para averiguar a afirmativa, foca-se em dois objetivos específicos: identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam o uso da variante e investigar o uso dessa variante no falar fortalezense. Com esse propósito, utiliza-se, para análises estatísticas, o programa *GOLDVARB X* (2005), no intuito de fazer inferências sobre a preferência dos falantes a partir das frequências de uso. As narrativas orais pertencem ao *Corpus* NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). Os resultados mostram que a categoria vazia apresenta indícios de mudança em curso, como mostram as pesquisas variacionistas (cf. DUARTE, 1986; MARAFONI, 2004; FIGUEIREDO SILVA, 2004, MENDONÇA, 2004, dentre outras), e o falar fortalezense (37,7%).

**Palavras-chave:** Objeto direto anafórico.Categoria vazia. Sociolinguística Variacionista.

**1 INTRODUÇÃO**

A literatura na área da Sociolinguística Variacionista descreve os contextos em que ocorre efetivamente o objeto direto anafórico (doravante ODA) no Português Europeu (doravante PE) e no Português Brasileiro (doravante PB) (cf. DUARTE, 1986; CYRINO, 1997; FREIRE, 2000; MARAFONI, 2004, entre outros). Este estudo trata de descrever essa variável com foco na categoria vazia ou objeto nulo (doravante CV).

Raposo (2004) apresenta estruturas contextuais que aceitam sem restrições, com restrições ou rejeitam a CV no PE. Partindo dessa descrição, busca-se analisar qualitativamente a realização da CV no PB, focalizando como essa variante se distribui no contexto fortalezense. Há estudos que já abordaram o parâmetro da CV no PE e no PB, mas o fizeram em outros contextos, com outros enfoques.

Duarte (1986), com amostra da fala paulista; Pará (1997), centrado na fala de pescadores do Norte Fluminense; Averbug (2000), com dados de escrita de estudantes do PB; Freire (2000), num estudo comparativo da fala brasileira e lusitana; Figueiredo Silva (2004), com base na fala de quatro comunidades da Bahia; e Marafoni (2004), com base na fala carioca, registram o favorecimento da variante CV, destacando o contexto favorecedor: o traço *[-animado*] do antecedente.

Cyrino (2000) compara o comportamento da variante CV no PB e no português de Portugal, apresentando o seguinte resultado: nas revistas brasileiras, 76% do total de ODA encontrados são nulos, e nas revistas lusitanas, apenas 3% do total, o que equivale a apenas uma ocorrência, num total de 34 dados extraídos das revistas portuguesas.

Os estudos variacionistas apontam que o ODA de 3ª pessoa no PB pode ser retomado anaforicamente através de quatro estratégias: um clítico acusativo (doravante Cl) (Saulo esperou-*a* na enfermaria domingo à tarde), um pronome lexical (doravante PL) (Saulo esperou *ela* na enfermaria domingo à tarde), um sintagma nominal (doravante SN) (Saulo esperou *Ana* na enfermaria domingo à tarde.) ou uma CV (Saulo esperou *Ø* na enfermaria domingo à tarde).

Estes exemplos, encontrados no PB, buscam responder ao questionamento: “Onde Saulo esperou Ana?” e apresentam essas quatro possibilidades de uso, demonstrando a sua variabilidade, embora as gramáticas normativas o apresentem com apenas uma variante, o Cl, descrita nos trabalhos já referendados nesse estudo, como de ocorrência rara, confirmando o fato de essa variante ser, no PB, uma estratégia aprendida através da escolarização, não mais fazendo parte do que se adquire em língua materna.

Este trabalho segue os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994; 2001; 2006 [1972]), o modelo de variação e mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e parte-se da hipótese de que a categoria vazia no PB constitui-se em uma mudança em curso.

Com foco na CV, essa investigação, baseada na literatura Sociolinguística Variacionista e no falar dos fortalezenses, amostra constituída por 107 informantes, provenientes do *Corpus* NORPOFOR, objetiva investigar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos atuantes na realização do ODA de 3ª pessoa na variedade local.

Várias razões justificam o interesse em estudar o emprego do ODA: a busca de uma melhor compreensão do uso das variantes no PB, especificamente da CV; o intuito de contribuir, com os resultados, para o conhecimento da diversidade linguística brasileira; a melhor interpretação das frequentes situações de heterogeneidade linguística com as quais, constantemente, professor e aluno se deparam em sala de aula e a última justificativa, que diz respeito ao interesse em interpretar o uso dessa variante.

Entretanto, a escolha por uma variante específica (CV), como matéria de estudo, justifica-se, por não ser discriminada nas gramáticas normativas, seguidas pela escola; por ser utilizada na língua falada no Brasil de forma espontânea; além de diferenciar o PE do PB.

Nesse intuito, este trabalho pretende descrever e analisar como se dá a variação do ODA no falar dos fortalezenses, o que, consequentemente, amplia o conhecimento das variedades linguísticas faladas no português do Brasil, embora se compreenda que esta pesquisa, no contexto dos falares cearenses, é um pequeno passo no registro das variedades linguísticas que se encontram no território brasileiro.

**2 DISCUSSÃO TEÓRICA**

Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) (2006 [1968]), baseando-se no *continuum* heterogêneo da língua, propõem um modelo empírico de análise, o qual orienta os caminhos da variação e da mudança nas línguas naturais, fazendo entender, descrever e explicar, de forma sistemática, os diversos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem uma ou outra variante linguística, apontando, assim, uma nova perspectiva de análise da linguagem.

A proposta de WLH (2006 [1968]), denominada Sociolinguística Variacionista, diz que toda mudança é precedida de um período de variação, em que há uma “competição” entre, pelo menos, duas variantes para a realização de uma variável.

Labov (2008 [1972]) faz a descrição da língua a partir de uma comunidade, ou seja, de um conjunto de pessoas que partilham das mesmas normas linguísticas, isso porque ela é um fenômeno eminentemente social. Definida a comunidade, seleciona informantes para representar o grupo a que pertencem, segundo critérios etnográficos ou sociológicos. Esse procedimento tem como finalidade precípua coletar o falar natural que se encontram nas situações naturais de comunicação.

De acordo com Labov (2008 [1972]), pelo *tempo aparente*, é possível fazer uma projeção do comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento. A hipótese é de que a fala de pessoas com maior idade reflita a fala de alguns anos atrás, ao passo que a fala de pessoas de menor idade reflete a fala atual. Para testá-la, trabalha-se com fatores internos (*morfológicos, semânticos, sintáticos*, dentre outros) e externos (*sexo, idade, escolaridade*, dentre outros) ao sistema linguístico. Há também as variações estilísticas, formas de que o falante dispõe para interagir de forma diferente. “O falante, portanto, adapta seu texto às necessidades da situação.”(PERINI, 2004, p. 69).

Até que um processo de mudança possa ser apontado como concluído, Labov (2008 [1972], p. 125) identifica três diferentes estágios: “a origem da mudança” (o fenômeno de variação está restrito ou marca um pequeno grupo); “a propagação da mudança” (um número mais amplo de falantes adota uma das variantes); e, “o processo de mudança atinge a sua realização” (estabelecida a regularidade na eleição e eliminação de uma das formas variantes).

Segundo WLH (2006 [1968] p. 121/126), uma teoria que tenha por função a observação do comportamento de qualquer mudança linguística deve buscar responder a cinco problemas centrais relacionados à explicação dessas mudanças: *os condicionamentos* (conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança numa determinada direção)*, a transição* (consiste em investigar como uma determinada forma muda de um estágio a outro), *o encaixamento* (visa responder como uma mudança se encaixa na estrutura social e na estrutura linguística da comunidade)*, a avaliação* (está relacionado à consciência linguística dos falantes), *e a implementação da mudança* (envolve os fatores sociolinguísticos responsáveis pela implementação da mudança e por que uma dada mudança ocorre em uma língua em uma dada época e não em outra).

**2.1 Objeto Direto Anafórico no Português Brasileiro**

Segundo Almeida (1997, p. 425), “o nome objeto direto provém do fato de o objeto prender-se diretamente ao verbo”. Embora, em algumas construções, ele venha preposicionado. Isso ocorre, segundo Cegalla (2005, p. 319), “pela clareza da frase, a harmonia da frase e a ênfase ou a força de expressão”; ocorre, ainda, quando for constituído das formas pronominais: *mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles e elas*.

Estudos que tratam das estratégias de uso do ODA (Cl, PL, SNa, CV) (cf. OMENA, 1978; DUARTE, 1986; PARÁ, 1997; AVERBUG, 2000; FREIRE, 2000; FIGUEIREDO SILVA, 2004; MARAFONI, 2004, dentre outros) mostram que essas variantes se encontram em competição no sistema do PB, embora a CV se apresente como a mais utilizada, seja na fala popular, seja na fala culta, ou no registro escrito.

Omena (1978) traz importantes contribuições ao estudo da língua: mostra o desaparecimento do Cl acusativo no PB e apresenta alguns dos fatores condicionantes para o uso mais frequente de uma variante em detrimento de outra, como, por exemplo, o traço *[-animado]* do antecedente e o antecedente exercendo a função de complemento, e destaca duas variantes concorrentes (CV e PL), sendo a CV (76%) a mais produtiva em oposição ao PL (24%).

Duarte (1986) constatou que, de todas as formas variantes do ODA, a menos utilizada é o Cl (4,9%), seguindo-se o PL (15,4%), os Sintagmas Nominais lexicais plenos e o demonstrativo *''isso''* (17,1%), e a CV alcançou o maior índice (62,6%), o que confirma, em muitos aspectos, a pesquisa de Omena (1978).

Essas pesquisas variacionistas, a tomar o ODA de 3ª pessoa como estudo, tratam de fatores linguísticos, sociais e estilísticos que comprovam, entre outros objetivos (a depender do foco dos autores), a variação na colocação pronominal no PB.

**2.2 Os contextos analisados**

2.2.1.1 Variável dependente

Define-se o preenchimento da função de objeto direto anafórico de 3ª pessoa (ODA) como variável dependente e busca-se relacionar as variantes representativas dessa variável: o *clítico acusativo* (*o, os, a, as, lo, los , la, las...*) (1.a), o *pronome lexical* (*ele, ela, eles e elas*) (1.b), os *SNs anafóricos* (que aponta para um termo anteriormente referido) (1.c) e o *objeto nulo* ou *categoria vazia* (o não preenchimento do objeto direto anafórico) (1.d).

|  |  |
| --- | --- |
| (1.a) | [...] Desde pequena que eu conheço ela... acho que eu tinha uns dez anos quando *a* conheci... (DID - Inq. Nº 09 - 19/10/2005). (clítico acusativo). |
| (1.b) | [...] quem é a tua professora?... fulana... deixa eu ver vou *conhecer ela*... pronto... desse negócio ela me pegou... aí fui lá ela tava ensinando... no Ciclo Operário... aí... começou por ali::... fui *deixar ela* em CA:::sa... por ali eu *conheci ela*...depois voltei lá de novo...fui *deixar ela* em ca:::sa... (DID - Inq. Nº 158 - 15.11.2006) (pronome lexical). |
| (1.c) | [...] Sobre a *medicação* que elas levavam... né? se bem que a gente também aqui acolá *trazia Ø*...negócio de soro foi época de... de...daquela doença dos olhos conjuntivite elas *tiravam* muito *Ø* a gente também *tirava Ø...* ainda hoje em dia existe muito isso*...* (DID - Inq. Nº 83–03/02/2004). (objeto nulo ou categoria vazia). |
| (1.d) | [...] Um dia desses eu tirei um atestado de oito dias mas eu nem precisei no outro dia comecei a trabalhar aí ela disse que quando eu *tirasse um atestado* eu podia ficar em casa mesmo não precisava vir trabalhar... (D2 - Inq. Nº 160 – Informante 2–18.05.2006). (SN anafórico). |

2.2.1.2 Variáveis independentes

Neste estudo, foram controladas oito variáveis linguísticas e cinco extralinguísticas. São variáveis linguísticas: *o traço semântico do antecedente ([+/- animado]), o número do sintagma nominal objeto (singular e plural), o tempo e o modo verbal (infinitivo, gerúndio, particípio, subjuntivo e imperativo e verbos flexionados), a estrutura sintática da sentença (simples e complexas), o tipo de oração (principal ou coordenada e subordinada), a presença ou ausência do sujeito (sujeito presente na sentença e sujeito ausente da sentença), o tipo de antecedente (definido e indefinido)* e *a topicalização do antecedente (antecedente topicalizado e não topicalizado)*.

As variáveis extralinguísticas são: *o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (15-25 anos; 26-49 anos e 50 anos em diante) e a escolaridade (0-4 anos; 5-8 anos e 9-11 anos), e os estilísticos são: o tema discursivo (pessoal e social)* e *o tipo de registro (DID – Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes).*

**3 RESULTADOS ALCANÇADOS**

Apresentam-se a seguir os resultados relativos à CV, juntamente com os fatores selecionados como relevantes no fenômeno pelo programa *GOLDVARB X* .

**3.1 Análise das variáveis linguísticas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária)**

Para o traço semântico do antecedente **(***[+animado] e [-animado]*), os resultados relativos à amostra encontram-se na tabela 1, a seguir:

**Tabela 1 -** Distribuição das variantes no grupo *traço semântico do antecedente* na *fala de Fortaleza*

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **TRAÇO DO ANTECEDENTE** | **Variantes** | | | | | | | | | |
| **Cl** | | SNa | | PL | | **CV** | | TOTAL | |
| Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % |
| [+animado] | 25 | **0,7** | 1221 | 31,8 | 1275 | 33,2 | 1314 | **34,3** | 3835 | 46,5 |
| [-animado] | 10 | **0,2** | 1934 | 43,8 | 675 | 15,3 | 1801 | **40,7** | 4420 | 53,5 |
| TOTAL | **35** | **0,4** | 3155 | 38,2 | 1950 | 23,6 | 3115 | **37,7** | 8255 | 100 |

Os resultados para a variável CV (40,7%) (2.a) apresentam percentuais muito próximos da variante SNa (43,8%) (2.b) para o traço *[-animado]* e destacam abaixíssima frequência geral do pronome Cl acusativo (0,7%) (2.c) para o traço *[+animado]*. Vale ressaltar a frequência de 33,2 % de emprego do PL (2.d).

|  |  |
| --- | --- |
| (2.a) | [...] Ah mulher só é pra fazer a comida. (...). É. As mulher só tem o trabalho só de fazer *∅*...E o home é quem come... (D2 - Inq. Nº 153 - 18.05.2005). |
| (2.b) | [...] joga o bolo no forno, espera, não é? (...) deixa assar bem o *bolo*... (D2 - Inq. Nº 99 - 26.02.2004 – Informante 1: mulher, 42 anos). |
| 2.c) | [...] Mas... mas eu digo assim *S.*... é porque toda vida a G. *o* convida ... manda é os lesados dele... os abestado... num sabem nem bater uma foto... (D2 - Inq. Nº 49 - 04.12.2003 –Informante 2: mulher, 40 anos). |
| (2.d) | [...] Aí tu botou *ela* pra dormi::r... aí voltou... e nós lá esperando fazia era tempo que a gente estava lá esperando... e tu não chegava e eu vamos dona Z. atrás de::la porque ela tá custando... será que ela foi levar *ela* no hospital?... (D2 - Inq. Nº 99 - 26.02.2004 –Informante 2: mulher, 28 anos). |

Para o grupo de fatores topicalização do antecedente (*topicalizado e não topicalizado*), os resultados apontam que quando o antecedente é *topicalizado*, há 73,4% de frequência da variante CV (3.a), enquanto para o *não topicalizado*, o índice de Cl é de 0,6% (3.b)*.*

|  |  |
| --- | --- |
| (3.a) | [...] Playstation, não tenho *Ø*.*..* Parece que meia hora, no de fita é vinte é cinco para cima*...* aqui acolá o R. vai comprar alguma coisa... quando não tem dá uma ajudinha com o dinheiro do videogame né... (DID - Inq. Nº 09 - 19/10/2005). (objeto nulo). |
| (3.b) | [...] não... mais quando eu digo que eu vou minha filha eu vou mesmo... você não me conhece e nem eu *a* conheço não... (D2– Inq. Nº 99 – Informante 2 – mulher 28 anos - 26/06/2004). |

Os resultados para a presença ou ausência do sujeito*(presença ou ausência)* confirmam, para a CV, a maior frequência apresentada (40,1%) (4.a) (4.b) na *ausência do sujeito*.

|  |  |
| --- | --- |
| (4.a) | [...] Faz *frio* durante a noite e quando amanhece faz mais *Ø...* ainda... (DID– Inq. Nº 23 - 16/08/2005). |
| (4.b) | Nunca vi a cor de dinheiro*...* papai pediu o *Ø* dele... o meu *Ø...* do *Ø...* meu irmão... mas nunca vi a cor *Ø*... (DID - Inq. Nº 53 - 30/10/2004). |

Para o grupo de fatores tempo e modo verbal(*infinitivo,* o *gerúndio,* o *particípio,* o *subjuntivo* *e o imperativo e verbos flexionados),* os resultados, com base nas frequências percentuais, em termos quantitativos, encontra maior frequência de uso da variante CV nos *verbos flexionados* (37.1%).

Em relação ao *tempo e modo* *verbal*, a CV só não ocorreu em locução com particípio. Como essa não é uma forma verbal recorrente, não significa que essa forma de substituição do ODA de 3ª pessoa não possa aparecer nesse tipo de estrutura.

A estrutura sintática da sentença*(simples e complexas)* apresenta os resultados para a CV em sentenças *complexas* (38,0%).

Os resultados para o grupo de fatores número do sintagma nominal objeto(*singular* ou *plural*) confirmam para a variante CV (38,2%) (7.a).

|  |  |
| --- | --- |
| (7.a) | [...] minha irmã ultimamente já fez ate faculdade depois de cinquenta anos de idade ela se esforçou e fez *Ø*... (DID - Inq. Nº 148 - 14.05.2004). |

O contexto de natureza semântica, tipo de antecedente(*definido* ou *indefinido*) demonstram que a CV apresenta maior frequência quando o antecedente é *indefinido* (73,3%) (8.a).

|  |  |
| --- | --- |
| (8.a) | [...] pelo menos aqui em casa é difícil a gente encontrar um fogareiro... Acho que num tem *Ø...* não... tinha naquele tempo lá... (D2– Inq. Nº 93 – Informante 1 – mulher 59 anos - 20.03.2004). |

Para o tipo de oração (*principal* (absoluta)e *outras* (coordenadas e subordinadas)), verifica-se a atuação desse grupo de fatores: Cl acusativo (0,5% e 0,4%) (9.a), CV (36,6% e 37,9%) (9.b), SNa (32,5% e 37,9%) (9.c) e PL (30,3% e 22,4%) (9.d).

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| (9.a) | [...] já chefe... não... quase que num aparece não. Mas... se ele tive de cobrar o funcionário*...* ele cobra *Ø...* (D2– Inq. Nº152 – Informante 2 – homem 51 anos - 29/11/2004). | |
| (9.b) | [...] aqui só usamos agulhasdescartáveis... o paciente que compra a caixa de agulhas com cem agulhas e elas vão se deixando fora no fim de cada sessão... É proibido reutilizar *as agulhas...* (D2– Inq. Nº 154 – Informante – mulher 18 anos - 10/05/2005). (SN anafórico). | |
| (9.c) | | [...] O pastor com a bíblia na mão chama *ele...* conversa e bota ele dentro do carro..*.*(D2– Inq. Nº 14 – Informante – homem 35 anos - 02/11/2003). |
| (9.d) | | [...] A mãe *o* criou de um jeito e os filhos de outro jeito que são os mais danados... os maiores... os pequenos não dão trabalho tanto não... (DID – Inq. Nº09 - 19/10/2005). |

Apos essas considerações gerais em relação aos fatores linguísticos, trata-se, na sequencia, dos fatores sociais em termo de suas frequências brutas.

**3.2 Análise das variáveis extralinguísticas em termo de suas frequências brutas (rodada quaternária)**

Na amostra analisada, com base na estratificação do *Corpus*, controlam-se os níveis de *escolaridade* *0 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos*. A expectativa é a de que falantes do nível I (*0 a 4 anos*) utilizem mais as variantes não padrão (PL, CV e SNa), e que falantes com nível intermediário (nível II - *5 a 8 anos*) e maior de escolarização (nível III - *9 a 11),* apresentem maior frequência de uso da forma normativa (Cl acusativo), corroborando assim a tendência verificada na maioria dos trabalhos sociolinguísticos. (cf. TABELA 2).

**Tabela 2 -** Distribuição de *ODA* no grupo *nível de escolaridade* na f*ala de Fortaleza*

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **NÍVEL DE ESCOLARIDADE** | **Variantes** | | | | | | | | | |
| **Cl** | | **SNa** | | **PL** | | **CV** | | TOTAL | |
| Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % |
| 0 a 4 anos | 9 | **0,4** | 840 | **39,0** | 496 | **23,0** | 810 | **37,6** | 2155 | 26,1 |
| 5 a 8 anos | 11 | **0,4** | 958 | **31,1** | 1111 | **36,0** | 1005 | **32,6** | 3085 | 37,4 |
| 9 a 11 anos | 15 | **0,5** | 1357 | **45,0** | 343 | **11,4** | 1300 | **43,1** | 3015 | 36,5 |
| TOTAL | 35 | **0,4** | 3155 | **38,2** | 1950 | **23,6** | 3115 | **37,7** | 8255 | 100 |

Observando os resultados, conclui-se que o comportamento de informantes com mínima escolarização (*0 a 4 anos*), se considerado o emprego da forma padrão, Cl acusativo (0,4%), aproxima-se muito do de informantes com o nível máximo de escolarização (*9 a 11 anos*, mais de 12 anos de frequência à escola) (0,5%), resultados opostos às expectativas para a influência do fator *escolaridade* na amostra de fala. Na faixa intermediária (*5 a 8 anos*) há prevalência de PL (36,0%), embora as variantes CV (43,1%) e SNa (45,0%) sejam as mais utilizadas pelos falantes na amostra, estando confirmado, em todos os níveis de escolaridade, o limitado uso do Cl.

Para o grupo de fatores tipo de registro **(***DID – Diálogo entre Informante e Documentador e D2 – Diálogo entre Dois Informantes),* registra-se para a variante CV o índice de (36,3%) no *DID,* e pouca diferença entre ambas no *D2* (44,7%).

Para o grupo de fatores sexo do informante*(masculino e feminino)*, a CV apresenta maior percentual de emprego por representantes do *sexo feminino* (41,3%, em oposição à 34,6% do *sexo masculino*).

O grupo de fatores faixa etária ***(****15 a 25 anos, 26 a 49 anos, a partir de 50 anos)* apresenta os seguintes resultados para a variante CV: os informantes mais jovens (*15 a 25 anos*) usam com mais frequência o SNa (43,9%); os de idade intermediária (*26 a 49 anos*) preferem usar o PL (26,3%) e os indivíduos mais idosos, que estão na faixa etária a *partir de 50 anos*, dão preferência de uso à CV (40,6%).

Esses resultados infere-se que, tanto os mais velhos, quanto os mais jovens utilizam as variantes inovadoras (o SNa, o CV e o PL). Assim, em relação à *faixa etária*, na amostra do falar fortalezense, fica evidente o uso menos frequente da variante padrão e o uso mais frequente das variantes não padrão.

Em relação ao fator tema discursivo *(pessoal ou social)*, apresenta os seguintes resultados para o grupo de fatores CV: 37,3% (*pessoal*) e 37,2% (*social*).

A seguir, às considerações sobre a variante em estudo: CV.

**3.3 Considerações sobre a variante categoria vazia na amostra de fala de fortalezenses**

A variante CV, embora nas pesquisas variacionistas aqui referendadas tenha liderado nos resultados, apresenta-se com o seguinte percentual, em nossa amostra: 37,7% (3115 ocorrências). Considerando 3155 ocorrências de SN anafórico (38,2%), tem-se uma diferença de 0,5% entre as duas variantes.

Os estudos de Omena (1978) e Duarte (1986) destacam que essa variante é favorecida pelo traço semântico *[-animado]*, tanto em estruturas *simples* como em *complexas*.

A preferência dos falantes pelo emprego da CV mostrou-se bastante significativa, principalmente por ser uma variante não marcada gramaticalmente, o que permite inferir que os mais jovens, usando mais a CV, confirmam a hipótese de que se trata de uma mudança em curso, por estar se implementando na gramática dos falantes.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme explicito na introdução, o objetivo deste artigo foi apresentar uma análise da realização do ODA de 3ª pessoa no PB, focalizando, de modo especial, a descrição e uso da CV no falar fortalezense. Para a consecução desse objetivo, foi seguido o percurso do modelo de mudança proposto por WLH (2006[1968]). Partiu-se da hipótese geral de que o emprego da CV constitui-se em uma mudança em curso no PB.

Sintetizando os resultados encontrados no *Corpus* NORPOFOR, pode-se destacar: em termos gerais, na amostra, foi constatado que, de todas as formas variantes de realização do objeto direto anafórico, a que apresentou baixíssimo percentual de uso foi o clítico acusativo (0,4%). Como se percebe, um percentual bastante insignificante num universo de 8.255 ocorrências; a estratégia mais utilizada foi a CV (37,7%), embora com reduzida diferença em relação ao SNa (38,2%); e para o PL foi encontrada 23,6%.

Os condicionamentos linguísticos levantados mostram que o uso da CV é altamente favorecida pelo traço *[-animado]*, independentemente da estrutura sintática.

Os fatores extralinguísticos: *escolaridade* e *faixa etária* destacam o fato de os informantes com escolaridade mais alta e pertencentes à faixa etária mais alta preferirem as variantes não padrão (CV, SNa, PL); resultados que contrariam a hipótese geral, pois essas formas não referendadas pelas gramáticas normativas para a retomada do ODA são as mais utilizadas no falar fortalezense.

A análise em tempo aparente (*faixa etária*) do fenômeno variável ODA de 3ª pessoa na fala de fortalezenses revela que há indícios de uma mudança em curso, tanto em relação à CV, quanto ao SNa. Destaca também os consideráveis usos da variante PL, assim também como os resquícios de Cl acusativo. Entretanto, para uma conclusão mais precisa, faz-se necessário um *continuum* de estudos em tempo real.

Em síntese, a visão geral do que ocorre com a variável dependente ODA de 3ª pessoa na língua falada de fortalezenses, registra o encaixamento das variantes: CV e SNa, o crescente uso da variante PL e as raras aparições de Cl acusativo no PB, considerando a dinamicidade da língua e a constante reorganização do sistema pronominal brasileiro, refletidas nas mais variadas realidades linguísticas e necessidades comunicativas de uma comunidade de fala.

Por fim, ressalta-se que este estudo, como qualquer outro sobre língua natural, está longe de ser completo. É um *continuum.* Entretanto, espera-se que os resultados aqui expressos, aliados a outros já apresentados, possam contribuir com os estudos sociolinguísticos, no sentido de se esboçar um perfil linguístico do falante cearense, bem como enriquecer os estudos relacionados ao português falado no Brasil.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática da língua portuguesa**. 41ª ed. São Paulo-SP, Saraiva Editora, 1997.

ALVES, J. da S. O objeto direto anafórico: uma análise na língua falada popular de jovens soteropolitanos. **Letra Magna**, Minas Gerais-MG, Ano 05 n. 11 – 2º Semestre de 2009. Disponível em: <[www.letramagna.com/objetodirsotero.pdf](http://www.letramagna.com/objetodirsotero.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2015.

ARAÚJO, A. A. de. CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA. Rio de Janeiro-RJ. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. 83 **Anais... Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011 a,vol. XV, nº 5, t.1. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv\_cnlf/tomo\_1/72.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

AVERBUG, M. C. G. **Objeto Direto Anafórico e Sujeito Pronominal na Escrita de Estudantes**. 2000. 215f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ, 2000. Disponível em: < http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/averbugmcg.pdf >*.* Acesso em: 17 nov. 2015.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 40ª ed. São Paulo-SP, Companhia Editora Nacional, 2005.

CYRINO, S. M. L. **O Objeto Nulo no Português do Brasil**: um estudo sintático-diacrônico. Londrina: UEL, 1997.

\_\_\_\_\_\_ ; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. Visible subjects and invisible clitics inbrazilian portuguese. In: KATO, M. A. & NEGRÂO, E. V. (org.). **Brazilian Portugueseand the Null Subject.** Frankfurt am Main: Vervuet. 2000. p. 55 – 73.

DUARTE, M. E. L. **Variação e Sintaxe:** clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil.1986. 73f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo-SP, 1986.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. V. de. **Objeto Nulo no Dialeto Rural Afro-brasileiro.** 2004, 148f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11610/1/Maria%20Silva.pdf>>*.* Acesso em 13 nov. 2015.

FREIRE, G. C. **Os Clíticos de Terceira Pessoa e as Estratégias para sua Substituição na Fala Culta Brasileira e Lusitana**. 2000, 204f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em letras vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2000. Disponível em: <www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/FreireGC.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2015.

GUY, G.; ZILLES, A. M. S. **Sociolinguística Quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2005.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1972], 2008.

**\_\_\_\_\_\_**. **Principles of Linguistic Change** – Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=ED157378>. Acesso em 03 fev. 2015.

\_\_\_\_\_\_\_; ASH, S.; BOBERG, C. The atlas of North American English. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\_9\_entrevista\_labov.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2015.

\_\_\_\_\_\_. A Study of Nonstandard English. Washington, DC: National Council of Teachers of English, 1968.

\_\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

MARAFONI, R. L. **A realização do objeto direto anafórico:** um estudo em tempo real de curta duração. 2004, 112f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2004. Disponível em: <[www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarafoniRL.pdf](http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/MarafoniRL.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2015.

MENDONÇA, V. de A. **O objeto direto anafórico na fala Mata Grandense e Paulistana:** um estudo comparativo. 2004, 97f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, 2004. **Disponível em: <**www.repositorio.ufal.br/bitstream/.../1/ValdenicedeAnucenaMendonca.pdf>*.* Acesso em: 11 dez. 2015.

OMENA, N. P. de. **Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: Suas Formas Variantes em Função Acusativa**. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro-RJ, 11 de julho de 1978.

PARÁ, M. L. D. **Estratégias de representação do objeto direto correferencial:** um estudo variacionista**.** 1997, 215f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, 1997. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/Pará.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

PERINI, M. A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2004.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONT, S. A; SMITH, E. ***Goldvarb X***: A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 17 abril. 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teorias da mudança linguística.** Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1968], 2006.